

# FACULDADE DE FARMÁCIA TEM FALTA DE SEGURANÇA

**QUEM RESOLVE O PROBLEMA ?**

O insólito aconteceu esta semana na Faculdade de Farmácia de Lisboa. Cerca das vinte horas de quarta-feira, cinco veículos viram-se impossibilitados de abandonar as instalações daquele estabelecimento de ensino superior, por uma razão muito simples: os dois portões, que isolam a área onde se ergue o edifício central da faculdade, haviam sido encerrados.

Só meia hora mais tarde os «detidos» — um professor assistente e alguns dos seus alunos do 5.º ano — viram ser-lhes concedida a liberdade de movimentos, pelo funcionário que na altura se encontrava incumbido de exercer a vigilância sobre todo o espaço ocupado pela Faculdade de Farmácia.

Aparentemente, o caso ocorrido poderia levar à conclusão de que a segurança das instalações daquela faculdade está de tal forma organizada que acaba por pecar por excesso. Assim não se passa, infelizmente, como adiante se verá.

A partida, o funcionário que tão zelosamente colocou os cadeados nos portões, nem sequer se preocupou em indagar sobre a propriedade e o porquê dos automóveis estarem estacionados na altura naquele espaço privado da Faculdade de Farmácia. Muito menos a sua atenção foi canalizada para a zona das salas de aulas, como naturalmente o devia ter sido, no natural cumprimento da sua função de vigilante.

A coisa «fia mais fino» quando, segundo informação da própria Associação de Estudantes, têm sido vários os casos de automóveis que ficam fechados no interior da faculdade, inclusivamente durante todo o fim-de-semana, altura em que a mesma se encontra encerrada.

Por isso mesmo existe já um género de «picada», a saber: a custa das sucessivas passagens de veículos, por um terreno que estabeleça (para uso exclusivo de peões) a ligação com o ISCTE, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa. O próprio guarda de serviço chega, segundo os estudantes, a aconselhar essa «solução», à revelia, obviamente, dos responsáveis da Faculdade de Farmácia.

## Porta aberta aos gatunos

Sabendo-se, como se sabe, que o serviço normal de vigilância é interrompido ao sábado e domingo — por falta das verbas necessárias ao pagamento das horas extraordinárias que seriam cumpridas pelos dois funcionários que têm essa missão — bem se pode concluir que a segurança das instalações da Faculdade de Farmácia deixa muito a desejar.

Corre-se até o risco de, um dia destes, ver algum dos cinco edifícios e pavilhões de Farmácia, invadido por gatunos conscientes do elevado valor do diverso equipamento que ali se encontra.

Para a periculosidade da situação contribuir, sem dúvida alguma, o facto de aquela escola de ensino superior ter as suas salas de aulas, laboratórios e parte administrativa em instala-

ções espaçadas umas das outras, formando uma espécie de arquipélago, naturalmente mais vulnerável à ocorrência de acções criminosas.

Isto mesmo nos foi referido pelo presidente do conselho directivo, professor Nascimento, que salientaria poder o problema da vigilância ser em parte resolvido com uma acção coordenada de todas as faculdades existentes na Cidade Universitária.

«Nós temos dois guardas em regime rotativo que asseguram a vigilância durante toda a noite, mas são insuficientes. O problema devia ser resolvido no âmbito da reitoria, com a criação de um sistema de segurança eficiente que abrangesse toda esta área» — afirmou ao «CM» aquele responsável.

A esse respeito, contactada a reitoria da Universidade Clássica de Lisboa, nada nos foi oficialmente adiantado, para

além da indicação de que em Fevereiro algumas medidas poderão ser tomadas nesse sentido.

## Buracos e barracas

Para já, um grande passo foi dado em termos de segurança na Faculdade de Farmácia de Lisboa. Quase toda a mata circundante foi submetida a uma operação de limpeza, acabando-se com autênticos coltos de marginais que chegavam a agredir e a assaltar estudantes, havendo inclusivamente a registar alguns casos de exibicionismo por parte de tarados sexuais que se escondiam por entre a vegetação.

Sendo propriedade da Faculdade de Farmácia, o terreno foi desbastado a expensas suas, com a colaboração do empreiteiro que tem a cargo as obras do Metropolitano que decorrem nas imediações e da Câmara Municipal de Loures.

«Quanto à Câmara de Lisboa, temos sido olímpicamente ignorados. Chegaram até a desviar o trânsito em consequência das obras do «Metro» sem nos consultarem» — fez questão em salientar o presidente do conselho directivo, acrescentando: «Para umas coisas nós é que temos de actuar mas para outras...».

Os resultados deste desvio imposto aos automobilistas durante o período de tempo em que a faixa lateral ponte do Campo Grande esteve cortada próximo do Entrecampos estão à vista de todos — subir actualmente a Avenida Professor Aníbal de Bettencourt e atravessar depois os terrenos de Farmácia até se atingir a Avenida Professor Gama Pinto, o que chega a tornar-se num martírio em algumas zonas.

Problema que se arrasta sem que alguém lhe ponha cobro — o Município lisboeta escusa-se com o argumento do carácter privado da área em causa — é o

casario das barracas que «decoram» o espaço compartilhado pela Faculdade de Farmácia e pelo ISCTE.

Quando o edifício do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa estava ainda em construção o empreiteiro falhou e houve barracas das obras que ficaram. Agora já são mais, os cabo-verdianos que ali vivem em parcas condições são já primos e amigos dos antigos operários que ali permitavam.

No dizer do professor Nascimento as coisas «vão comportar-se» porque existe agora um centro de responsabilidades na reitoria da Universidade Clássica de Lisboa, situação nova criada o ano passado.

No entanto, analisando o contacto telefónico estabelecido entre o «Correio da Manhã» e o gabinete do reitor, a informação (vaga em demasia) prestada ao jornalista deixa a entender que não haverá muita pressa em resolver (pelo menos esse) o problema da falta de segurança na área da Cidade Universitária.

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31

Segurança na escola

